LARVICIDA E PESTICIDA A PARTIR DA ALOE VERA (BABOSA) PARA O COMBATE DO MOSQUITO *AEDES AEGYPTI*

Autores: SILVA, D. M. B. (IFRN), SILVA, I. B. A. (IFRN); SOUZA, D. S. (ORIENTADORA)

Palavras Chave: *Aedes Aegypti*, biolarvicida, Aloe vera.

INTRODUÇÃO

A dengue se tornou um grande problema de saúde pública, sendo responsável pelo maior número de hospitalizações no mundo, atinge principalmente os países de climas tropicais em razão do clima quente e úmido, (Dias, et.al, 2010).

Muitas espécies vegetais existentes produzem substâncias que atuam como atraentes ou repelentes de outros organismos. São substâncias que possuem atividade biológica (SAITO, 2004).

A *Aloe Vera* é uma planta ornamental onde apresenta um grande poder de penetração tecidual, atuando em dores articulares como musculares. Também é considerado forte bactericida, cicatrizante entre outros (Neves e Nunes, 2010).

Devido inúmeras utilidades da babosa, objetivamos avaliar a ação repelente do óleo da *Aloe vera* (babosa), e verificar o pó da casca da mesma, como ação larvicida contra insetos, visando o mosquito *aedes aegypti*.

METODOLOGIA

Inicialmente foi feito uma seleção das folhas mais saudáveis da babosa, em seguida foram colhidas duas folhas, lavadas e recortadas em espessura de 5 cm, com facas de corte. Posteriormente o gel foi exposto através da retirada da casca, onde passou por outra lavagem e em sequência foi triturado no liquidificador, deixado decantar por dez minutos, após esse tempo, obteve-se um líquido gelatinoso. As cascas, que foram retiradas da parte gelatinosa da babosa foram

levadas a estufa e submetidas a uma temperatura de 100°C durante seis horas, por fim foram trituradas no moinho de facas, adquirindo assim um pó.

Análise do gel como Larvicida

As larvas foram capturadas utilizando a pipeta de Pasteur e em seguida distribuíram-se 3 larvas em cada um dos 5 béquer (100 mL) contendo 30 mL de água corrente. Logo após, foi adicionado gotas do gel da babosa em cada amostra, o procedimento foi realizado em triplicata, e cronometrou-se um tempo de 10 minutos para cada teste.

Após o teste com o gel, adicionou-se 50 mL do pó da casca da babosa, no 5º recipiente onde continha maior concentração do gel, e esperou-se por 10 min.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tabela 1. Análise do gel e da casca da babosa como larvicida, para o combate do mosquito *Aedes Aegypti*

AMOSTRA	GOTAS POR TENTATIVAS			TEMPO (MIN)
	1ª	2ª	3ª	
1	5	10	15	10
2	7	12	17	10
3	9	14	19	10
4	11	16	21	10
5	13	18	23	10

Como mostra a tabela 1, na primeira amostra foi adicionado 5 gotas do gel da babosa, onde estavam as larvas, em sequência as gotas foram colocadas nos demais recipientes com uma variação de 2 gotas por béquer.

Na segunda tentativa a quantidade do gel adicionado foi o dobro do primeiro, sendo que nos demais recipientes a variação continuou sendo a mesma, 2 gotas por bquer.

No ltimo teste a quantidade do gel foi o triplo do primeiro, 15 gotas foram adicionadas, e a variação nos outros recipientes permaneceu a mesma.

Todos os testes foram realizados em um tempo de 10 minutos, totalizando 30 minutos, sendo 10 minutos para cada tentativa.

Em todos os testes as larvas se mostraram resistentes a planta, aonde no conseguiu matar nenhuma delas.

Para a anlise da casca da babosa, foi pesado na balana analtica 50 mg do p da casca e adicionado no ltimo bquer que estava com maior concentrao de gel, sendo cronometrado o mesmo tempo de espera, mas o resultado continuou sendo negativo, ou seja a babosa da forma tratada no apresentou atividade larvicida.

CONCLUSO

Diante do exposto anteriormente, podemos afirmar de forma preliminar que a casca e o gel da babosa, nos testes realizados, no apresentaram nenhuma atividade larvicida contra o mosquito *Aedes Aegypti*. Embora tenha muitas propriedades medicinais, nenhum dos componentes testados foi capaz de matar as larvas. A pesquisa ter continuidade com os testes enquanto repelente e ainda sua eficcia associada a outros leos como larvicida.

REFERNCIAS

¹ DIAS, Larissa B. A. Ribeiro Preto, SP. Disponvel em: http://revista.fmrp.usp.br/2010/vol43n2/Simp6_Dengue.pdf/> acessado em, 20 de Julho de 2016

²SAITO, Maria. L. Embrapa, Meio Ambiente. Jaguarina. Disponvel em: https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/Saito_plantasID-xWZZuffPN5.pdf/> acessado em, 20 de Julho de 2016

³ NEVES, Eduardo A. e NUNES, Jeanine M. S. estudo bibliogrfico. Disponvel em: <http://fisiobuzios.com.br/acao-do-aloe-vera-babosa-no-processo-inflamatorio-estudo-bibliografico/>> acessado em, 21 de Julho de 2016.